

Depoimentos – Grupo de Estudos Nietzsche (GEN)

A pesquisa Nietzsche no Brasil conheceu na última década e meia um enorme avanço, ganhando relevo tanto no âmbito nacional quanto internacional. Parte considerável dessa evolução pode ser tributada ao trabalho da Profa. Scarlett Marton e do Grupo de Estudos Nietzsche, por ela capitaneado e do qual tive a felicidade de participar desde os seus primórdios, colaborando em suas mais diversas atividades (publicações, realização de eventos e reuniões de trabalho com outros grupos e pesquisadores). Nele desenvolvo minhas pesquisas, desde os meus estudos de Pós-Graduação, encontrando em todos os seus membros interlocutores qualificados e generosos.

ANDRÉ LUÍS MOTA ITAPARICA

*

O GEN – Grupo de Estudos Nietzsche – teve uma grande importância na minha formação acadêmica, notadamente, no modo como desenvolvo a pesquisa Nietzsche atualmente. A possibilidade de pôr a prova minhas hipóteses de pesquisa durante o doutorado e obter um retorno qualificado de avaliação conferiu à pesquisa uma densidade de análise mais profunda, haja vista as diversas considerações feitas ao longo dos cinco anos de doutorado. Por outro lado, a participação nos Encontros Nietzsche sempre constitui um fórum de debate privilegiado, que permitiu e permite a interlocução entre vários pesquisadores do Brasil e do Exterior em torno do

pensamento de Nietzsche, apresentando leituras diferentes e divergentes acerca de um mesmo tema. Por fim, o envolvimento afetivo do grupo conferiu aos momentos de trabalho a leveza necessária para o estabelecimento de uma compartilha e uma cumplicidade de posições geradora da identidade dentro da diversidade presente no Grupo.

VÂNIA DUTRA DE AZEREDO

*

(Extraído do artigo “A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras”, presente neste volume)

Em nosso percurso sobre a recepção de Nietzsche na França entre as décadas de 1890 e de 1930, demos ênfase às perspectivas que distorceram ou simplificaram a filosofia nietzschiana, mas também àquelas iniciativas que tentavam mostrar a inadequação daquelas apropriações e a complexidade do pensamento nietzschiano. É visível o anseio de apropriação do nome de Nietzsche, tanto no sentido de louvá-lo quanto no de desprezá-lo, pelas correntes políticas em disputa. Poderíamos perguntar por que esses intelectuais franceses preocupavam-se tanto em estar contra ou a favor do filósofo alemão – e mais, por que necessitam divulgar isso em periódicos de grande circulação. Porém, essa questão extrapola os âmbitos deste trabalho.

Outro aspecto bastante importante que gostaríamos de ressaltar é aquele já apontado por Marton (2009): a multiplicidade de interpretações. Se entendermos a própria filosofia nietzschiana, e mesmo o próprio Nietzsche, como um campo de tensão de impulsos, vemos que essa configuração se reflete em sua recepção na França:

Era como um campo de batalha que Nietzsche designava a si mesmo. Se com a expressão queria ressaltar a complexidade de seu pensamento, com ela hoje se pode sublinhar as tensões que o atravessam. Espaço de conflito, sua obra se põe como o território em que se confrontam múltiplas interpretações. Bem mais, ela se põe como o território em que se defrontam apropriações de diferentes partidos, sejam eles políticos, literários e acadêmicos. Prova disso são os jogos de imagens e contra-imagens que se testemunham no correr dos tempos¹.

As distorções e simplificações, tanto exaltando quanto desmerecendo o pensamento nietzschiano, não ficaram presas ao contexto francês. Especialmente as acusações de irracionalismo, imoralismo, irreligião e mentor teórico da guerra ou do nazismo têm impedido um melhor entendimento dessa filosofia, mesmo em nosso meio. O mesmo efeito é obtido quando se recusa à obra de Nietzsche o *status* filosófico, atribuindo-se a ela somente a qualidade de poesia ou profecia exaltada. A percepção das distorções, ou melhor, daquilo que representa um uso abusivo das idéias nietzschianas e diferenciá-las de diferentes interpretações ou perspectivas, ao menos no debate filosófico, nem sempre é fácil sem um conhecimento mais aprofundado dos textos nietzschianos. Mesmo entender a filosofia nietzschiana como um campo de tensões e conflitos envolve uma maior familiaridade com a mesma. É nesse contexto que, no Brasil, o Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), fundado em 1996 pela profa. Scarlett Marton, e do qual fazemos parte desde o início, exerce um papel fundamental. Centro de formação que prima por investigações criteriosas do pensamento nietzschiano, o GEN tem sido referência nacional e internacional no estudo filosófico de Nietzsche. Além da produção de perspectivas sobre a obra do filósofo alemão por seus membros, o GEN também se constitui num espaço no qual outras perspectivas são apresentadas

1 MARTON, S., *Ibidem*, p. 20-21.

e debatidas: refiro-me aos Encontros Nietzsche (XXXI edição no segundo semestre de 2011) e à publicação dos *Cadernos Nietzsche* e da coleção Sendas & Veredas.

WILSON FREZZATTI JUNIOR

*

A pesquisa acerca do pensamento ético de Nietzsche, que desenvolvo atualmente, é um desdobramento das investigações de minha tese de doutorado, acerca do niilismo, concluída em 2002. Os encontros de discussão no *Grupo de Estudos Nietzsche (GEN)* foram e são muito valiosos, no sentido de incentivar a profundidade e o rigor na investigação desses temas na obra do filósofo e nos seus principais comentadores. O peso que atribuo à vertente niilista da obra tardia, em contraposição à afirmativa, sem dúvida, marca uma diferença interpretativa, que contribui para repensar o sentido dos argumentos apresentados.

CLADEMIR LUÍS ARALDI.

*

Contribuir com o trabalho alheio, sem jamais competir com ele, sempre foi o espírito do GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. O crescimento intelectual de cada um dos seus integrantes contribuiria para o crescimento de todo o Grupo, criando assim um círculo virtuoso. Esse ambiente de trabalho, que Scarlett Marton estabeleceu ao fundar em 1996 o GEN, tinha como um dos seus objetivos principais

a formação de especialistas na filosofia nietzschiana. Mas não só: a formação ela mesma, de forma muito mais ampla, era o objetivo.

O Grupo tinha – e tem - ainda outras frentes. Como forma de divulgar a pesquisa e de fazê-la avançar a partir do debate extramuros, Scarlett funda os *Cadernos Nietzsche* e passa a organizar semestralmente colóquios em torno da filosofia nietzschiana. O GEN ganha assim um dinamismo ímpar: reuniões de orientação individuais com Scarlett, reuniões de trabalho de leitura dos textos de Nietzsche e dos próprios integrantes, confecção da revista e organização de colóquios. Regulamento interno e atas fazem com que o Grupo funcione organicamente, de modo que todos os objetivos fossem alcançados. Neste contexto, a minha formação – e de outros colegas – foi se fazendo.

Fui acolhido por Scarlett Marton e pelo Grupo nos seus inícios. No começo, ainda como tutorando, pois fazia Iniciação Científica, fui de fato iniciado à pesquisa, uma vez que a graduação não possibilitava isto. Nas reuniões de orientação com Scarlett aprendi o trato rigoroso com os textos, a montar a estratégia de um escrito, a não aceitar acriticamente uma leitura, a diferenciar as metodologias de trabalho, a lidar com as mais diversas interpretações do pensamento nietzschiano, a não arrombar portas abertas etc, sempre tendo todo material bibliográfico sobre Nietzsche, nacional ou estrangeiro, à disposição. Nos trabalhos com o Grupo, aprendi a defender as minhas posições e a expor a minhas ideias com clareza.

Se me foram apresentadas todas as linhas interpretativas da *Nietzsche-Forschung*, no Grupo era possível debater as novas pesquisas que se realizavam e as interpretações propostas (de conjunto da obra ou de aspectos pontuais). Dessa maneira, era possível levar a pesquisa Nietzsche adiante, dando novos passos e não se limitando às interpretações consagradas. Ressalte-se que, malgrado as diferenças de leitura, o respeito pelo trabalho do outro, era total. Mais ainda, a presença de várias teses em jogo contribuía para, mesmo que por oposição, mais bem delimitar a minha

e as outras leituras realizadas. De certa forma, um trabalho que se fazia a partir das diferenças.

E se cada um tinha a liberdade de escolher ou criar de maneira fundamentada a sua leitura da filosofia nietzschiana, o mesmo ocorria quanto aos métodos de trabalho. Iniciei fazendo detidas análises estruturais de aforismo de Nietzsche e, com o tempo, passei a testar outras metodologias que me levariam a construção de um comentário *strictu sensu*.

O contato constante com pesquisadores estrangeiros de Nietzsche – que Scarlett convida como meio de contribuir com a formação do grupo, mas não só do grupo, uma vez que disponibilizava de antemão todos os contatos - e o trabalho com diversos instrumentos metodológicos abriram-me o horizonte para a questão da recepção, que, aliás, já estava sendo trabalhada por Scarlett Marton com a publicação de volumes na Coleção Sendas & Veredas dedicados aos trabalhos realizados em diversas partes do mundo (“Série recepção”). Começo então a perceber que a forma que uma filosofia é apresentada depende do lugar em que ela é lida, do momento em que isto ocorre e das ferramentas utilizadas. Com o tempo fui me desfazendo de meus dogmas e passei a aceitar sem restrições a pluralidade de leituras que se pode fazer de Nietzsche, desde que, evidentemente, bem fundamentadas e em consonância com o seu lugar e tempo.

De uma maneira ou outra, meu percurso em Nietzsche trazem estas marcas. Ensaiei trabalhar com Nietzsche de diversas maneiras, tateando por vezes. É neste contexto que apresento neste volume algumas notas sobre a recepção da leitura que Lebrun realizou da filosofia de Nietzsche aqui entre nós. Mais precisamente, estas notas servem para delimitar um modo de trabalhar que não é o meu, uma vez que, pelo avesso, Lebrun foi importante para eu construir meu próprio percurso.

IVO DA SILVA JÚNIOR

*

Pioneiro no estudo qualificado do legado nietzschiano em nosso país, o GEN – Grupo de Estudos Nietzsche decerto contribuiu enormemente para a consolidação da leitura atenta da obra do filósofo alemão, influenciando teórica e especulativamente o trabalho de seus integrantes. Nascida e criada no interior do grupo - de 1997 a 2005, isto é, da Iniciação Científica ao Doutorado -, nossa pesquisa adquiriu, pois, forma e conteúdo a partir dos métodos e abordagens que nele foram “experimentados”, desde a profilática análise estrutural de texto à leitura mais livre e laica de apontamentos e correspondências - mas sem jamais perder de vista o horizonte hermenêutico mais amplo da história da filosofia em geral. Visando coadunar diferenças interpretativas aparentemente inconciliáveis, baseadas ora na crítica nietzschiana à cultura (Patrick Wotling), ora numa ponderação de teor essencialmente metafísico (Michel Haar), nossos estudos - direcionados mais e mais à estética musical- terminaram por assumir um caráter heteróclito, edificando-se sobre apreciações artísticas e sócio-culturais, morais e lítero-musicais, enfim, sobre aquilo que talvez possa caracterizar legitimamente a inserção das pesquisas em tal grupo: a possibilidade de manter a multiplicidade interpretativa.

FERNANDO RIBEIRO DE MORAES BARROS

*

(Extraído do artigo “Nietzsche e a história: o problema da objetividade e do sentido histórico, publicado neste volume)

É nesse contexto que a própria obra de Scarlett Marton representa um marco dos estudos Nietzsche no Brasil. Diante de um pensamento já celebrado, mas ainda fortemente desconhecido, como era o de Nietzsche, ela trata de reconstituir a trama interna da filosofia

nietzschiana, sem nunca perder de vista uma tradição já consolidada de grandes intérpretes no cenário internacional. Todavia, não se podia confundir a filosofia de Nietzsche com suas interpretações. No livro *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, Scarlett apresenta ao público e à Universidade brasileira uma leitura original da filosofia de Nietzsche, como deve acontecer com todo grande intérprete, como também dá a conhecer, na Introdução do livro, aquela tradição já clássica das grandes interpretações do filósofo².

A obra escrita, porém, ainda não representa toda a dimensão do posicionamento de Scalett Marton em relação a Nietzsche. É preciso considerar também seu trabalho de formação, que culmina na criação do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN). Unindo a divulgação dos grandes intérpretes internacionais (e dos nacionais que começaram a surgir com a consolidação da pesquisa Nietzsche no Brasil) com o trabalho de formação promovido no grupo, podemos hoje olhar essas duas tendências como as duas faces da mesma moeda; também não podemos deixar de reconhecer nelas traços marcantes das reflexões de Nietzsche sobre formação e trabalho filosófico; não há, também, como não enxergar, em meio ao fluxo da obra de Nietzsche, a relação entre o sentido histórico e a crítica à objetividade. Se, como mostra Scarlett Marton, a Nietzsche *Forschung*, nos mais diversos países, comumente tem de combater as interpretações do senso comum, por outro lado é não fazer jus ao filosofar nietzschiano tomá-lo apenas como matéria para

2 No Prefácio à terceira edição para *Nietzsche – das forças cósmicas aos valores humanos*, Scarlett Marton apresenta seu posicionamento diante do pensamento nietzschiano, que orientará sua tese de doutorado, que dará origem ao livro. Segundo ela, era impossível aderir à leitura de Heidegger após ter contato com a interpretação de Muller-Lauter. Do mesmo modo, como fazer de Nietzsche, tal como fizera Foucault, uma caixa de ferramenta, se ao filósofo alemão não havia ainda um estudo aprofundado? Por fim, contra o senso comum, era necessário empreender uma investigação sobre Nietzsche que se tornasse um objeto qualificado do conhecimento. Invocando Bourdieu, Scarlett Marton lembra que uma obra só se torna objeto do conhecimento se for reconhecida enquanto tal por leitores qualificados (Cf. MARTON, Scarlett. *Nietzsche – das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2010, p. 14-15).

um conhecimento objetivo. Não seria trair o espírito de Nietzsche tratá-lo apenas como um objeto de estudo, partilhando ainda do mesmo ideal de uma ciência histórica que o filósofo tanto denunciou, na medida em que fez da história um problema, nela incluída a própria história da filosofia?

Evidente que a relação tensa entre filosofia e história da filosofia não é privilégio de quem se ocupa com a obra de Nietzsche. Todavia, essa tensão é inerente a essa mesma obra, uma vez que faz dessa relação objeto constante de reflexão. Poder-se-ia afirmar que o espírito que anima a produção filosófica brasileira desde três décadas já se fazia presente de modo muito bem delineado nas preocupações nietzschianas. Se é certo que essas preocupações são motivadas pela influência que Schopenhauer exerceu em Nietzsche, elas já se revelam singular pela amplitude que têm: a de um professor universitário voltando-se contra seu ofício e o de seus pares. Nesse sentido, enquanto a obra escrita de Scarlett é marcada pelo diálogo constante com os grandes intérpretes de Nietzsche, revelando-nos, a cada leitura, um filósofo consistente e rigoroso, o trabalho de formação desenvolvido no GEN sempre alertou para que a erudição e a história da filosofia não representassem um fim em si mesmo. Fiel à crítica de Nietzsche ao historicismo e à objetividade, ela lembrava que o conhecimento não deve trazer apenas a preocupação com a própria erudição. Tendo oferecido à reflexão filosófica brasileira uma leitura qualificada da obra de Nietzsche, Scarlett Marton sempre defendeu que o conhecimento amplo de uma obra e o tratamento “científico” que inevitavelmente ela deve receber não devem ser um fim em si mesmo, devendo estar, portanto, sob o crivo de uma crítica que não cessa de refletir sobre a atualidade dessa obra, considerando os diversos diálogos que deve ocasionar e as influências que pode exercer. E, longe de resvalar no senso comum, a crítica ao sentido histórico deve nos fazer refletir, como nos mostrava Nietzsche, sobre os valores e a cultura, sobretudo de nossa própria época.

MÁRCIO JOSÉ SILVEIRA LIMA

*

No final de outubro de 1998, desloquei-me de Porto Alegre até a cidade de Toledo, no Paraná, para conhecer pessoalmente a professora Scarlett Marton e os membros do Grupo de Estudo Nietzsche (GEN). A Universidade Estadual do Oeste do Paraná sediava, então, o itinerante “V Encontros Nietzsche”. Dois, então, foram os impactos que vivenciei: a seriedade com a qual o GEN tratava os textos nietzschianos; a união que havia entre os membros do grupo. Naquela ocasião fui recebido com toda a atenção por Ivo da Silva Jr., Wilson Frezzati, Carlos Eduardo, Vânia Dutra e muitos outros colegas com os quais somente aprofundaria a amizade e o trabalho conceitual ao longo dos anos seguintes. Além disso algo também ficou claro com o passar do tempo: o grupo movimentava-se na esfera da *formação*, proposta por Scarlett Marton, que envolvia, para além dos estudos de filosofia, um rico diálogo com a cultura, com a literatura, com as artes em geral, com o cenário nacional, alimentando e buscando também resgatar a idéia do intelectual público.

O GEN, criado por Scarlett Marton em 1996, é um grupo ímpar no cenário nacional e estrangeiro. Ele trouxe seriedade aos estudos nietzschianos no país e cada vez é mais reconhecido no exterior. Nele trabalhamos em grupo (algo raro na filosofia e mesmo em outras áreas do saber), organizamos semestralmente os *Encontros Nietzsche*, os *Cadernos Nietzsche* e também os números da *Coleção Sendas & Veredas*. O debate instigante com os colegas, a preocupação de uns com o crescimento dos outros, a orientação pontual e permanente de Scarlett Marton permitiram que, da Universidade de São Paulo, todos os membros do GEN ingressassem, por concurso público, nas Universidades dos mais diversos estados do país. Além disso, minha pesquisa, focada em temas como a transvaloração de todos os valores e o pensamento do eterno retorno do mesmo, encontrou diálogo com as investigações de Scarlett Marton, Clademir Araldi, Vânia Dutra de Azeredo e

Eduardo Nasser, mas grande é o débito para com todos os colegas e, sobretudo, para com Márcio Lima, Sandro Kobol, Márcia Rezende, Adriana Belmonte, Franco Bressan e Samuel Ribeiro de Souza (já falecido), com quem mantive muitas conversações sobre Nietzsche durante os anos de formação na Universidade de São Paulo.

LUÍS RUBIRA

*

(Extraído do artigo “Foucault: atualizador da genealogia nietzschiana” publicado neste volume).

Parte deste artigo é fruto de algumas considerações elaboradas ao longo da tese de doutorado, intitulada *História e subjetividade no pensamento de Michel Foucault*, sob a orientação da Prof^a Dr^a Scarlett Z. Marton, e defendida em 2007. Durante os anos de 2002 a 2008 pude acompanhar os estudos realizados no Grupo de Estudos Nietzsche (GEN). As contribuições das pesquisas fomentadas no Grupo, bem como as leituras de Nietzsche ali realizadas rigorosamente, desde cedo, foram cruciais para o diagnóstico de como o pensamento de Michel Foucault buscou atualizar muitas das problemáticas nietzschianas, com o intuito de nos fazer entender como chegamos até aqui e pagando o preço que pagamos por estar aqui. O que intentamos, aqui, foi justamente ressaltar uma destas problematizações. Desde cedo, especialmente com o convívio das orientações de trabalho com a professora Scarlett, aprendi a sempre tentar pensar diferentemente do que é possível se pensar, o que é muito caro à própria seara foucaultiana.

ALEXANDRE FILORDI

*

(Extraído do artigo “O arqueólogo do saber é um leitor de Nietzsche?
Nietzsche como enunciado”, publicado neste volume).

O presente artigo é parte modificada da tese de doutorado *Foucault, uma arqueologia política dos saberes*, sob orientação do Dr. Vladimir Pinheiro Safatle e que foi defendida em 2010 na USP. Os estudos realizados no Grupo de Estudos Nietzsche (GEN) entre 1999 e 2004, incluso um mestrado sobre o pensador, conduziram meus interesses à leitura foucaultiana do filósofo alemão. Bem familiarizado com o pensamento nietzschiano pelas mãos de Scarlett Marton, um Nietzsche latente a mim se mostrava pela leitura gradativa que comecei a fazer da filosofia de Foucault. Na última parte da tese citada, procuramos mostrar que a operação de distanciamento das unidades significativas em favor de certo modo originário do discurso, bem característico da arqueologia de Foucault, tem como suposto uma estratégia tomada da atitude experimental da filosofia nietzschiana, especialmente a subversão pela escrita. *Nietzsche como enunciado* é uma forma de expressar que a esse nome está ligada uma mutação discursiva profunda que, por uma reversão de conceitos, acaba por repercutir na própria arqueologia. Com o GEN, com seus integrantes e com Scarlett pude realizar uma espécie de encontro sem intermediários entre Nietzsche e Foucault pelo qual se revelou que todas as histórias dos discursos feitas por Foucault compõem discursos-experimentos.

CARLOS EDUARDO RIBEIRO

*

Gostaria de desfrutar do privilégio desse espaço concedido menos para situar os meus ganhos científicos — uma tentativa que nesse momento, me parece, seria algo um tanto precoce — no campo de pesquisas, indiscutivelmente rico e sempre promissor, do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), do que para salientar as contribuições determinantes que o grupo trouxe, e ainda traz, para a minha formação científica e filosófica. A tônica desta digressão é, portanto, a de um agradecimento. Para tanto, resgato de modo muito breve as etapas da minha vivência junto ao grupo.

Primeiramente, foi na condição de um espectador — o melhor seria dizer “admirador” — que travei contato com o GEN, bem como com a sua idealizadora, a Profa. Scarlett Marton. Frequentando assiduamente desde 2002 os encontros semestrais promovidos pelo grupo — o célebre *Encontros Nietzsche* —, lendo praticamente todos os livros publicados pelos seus integrantes, bem como os cadernos organizados pelos mesmos — os *Cadernos Nietzsche* — fui surpreendido pela existência de pessoas que, como eu, mantinham um vínculo entusiasmado e jovial com o pensamento nietzschiano, que, no entanto, coexistia com uma — até aquele momento para mim, quase inimaginável — consciência acadêmica. O tratamento lúcido, fino, metódico e sério de um pensador que costumeiramente está no limite com o caricatural, tendo sido vítima de sucessivos abusos e manipulações grosseiras, me causou um enorme impacto. Pela primeira vez eu estava inserido num ambiente verdadeiramente crítico — resistindo aos suspeitos, mas sempre atraentes, consensos produzidos ao longo do século sobre Nietzsche — comprometido com “a verdade dos escritos do filósofo” (MARTON, S. *A irrecusável busca de sentido*. São Paulo/ Rio Grande do Sul: Ateliê / Unijuí, 2004, p. 140)³ e que se coadunava e divulgava, sem temor,

3 Mais tarde eu viria a descobrir que esse traço faz parte do projeto implantado em solo brasileiro pela Profa. Marton de contemplar o pensamento nietzschiano segundo o modelo metodológico do comentário, fazendo, portanto, com que Nietzsche viesse a se tornar objeto de conhecimento a exemplo de Aristóteles, Espinosa, Hegel, Marx, etc. Cf. MARTON, S. A

as mais recentes descobertas filológicas que, de alguma forma, suspendiam a mistificação que alimentava a popularidade do nietzschianismo. A incansável campanha liderada pela Profa. Scarlett Marton, e o GEN, encorajando o abandono da obra (inexistente) *A vontade de potência*, em troca da edição crítica organizada por Colli-Montinari, me parece ser a prova mais representativa dessa recepção da filosofia de Nietzsche mais afeita ao espírito das luzes do que à atmosfera de culto e idolatria. A partir desse momento, portanto, aprendi não só que era possível me aproximar de Nietzsche sem ser preciso dispensar a cientificidade, como ela era uma condição dessa aproximação, caso, naturalmente, eu tivesse o interesse em ter contato com o seu pensamento legítimo.

Essa consciência acadêmica para com o tratamento da filosofia nietzschiana que importei desse contato inicial viria a ser complementada a partir de 2007 — ano em que ingresso no programa de pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP) e que me torno, finalmente, membro do GEN — por um irrecusável convite ao pensamento posto pela Profa. Marton aos seus orientandos. Por esse motivo, arrisco dizer que o GEN deve ser antes encarado como uma escola de pensamento do que uma escola de interpretação de Nietzsche. Ao lado da cientificidade, o grupo exige que cada integrante se beneficie do próprio caminho que o conduziu à compreensão. A marca do caráter cambiante do pensamento torna-se o ônus que se abate sobre todos os trabalhos genianos, mas também é que lhes confere caráter próprio. Para ficar com um único exemplo sobre essa manifesta ausência de unidade hermenêutica entre os membros do GEN, reenvio o leitor à pública disputa protagonizada por Clademir Araldi e Luís Rubira⁴. A Profa. Scarlett Marton, na

irrecusável busca de sentido. São Paulo/ Rio Grande do Sul: Ateliê / Unijuí, 2004, p. 140. SILVA JÚNIOR, I. *Apresentação* in: Filosofia e Cultura. *Festschrift* em homenagem a Scarlett Marton. São Paulo: Barcarolla, 2011, p. 10.

⁴ Cf. RUBIRA, L., *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. São Paulo: Discurso / Barcarolla, 2010, p. 39 – 40.

sua autobiografia intelectual, circunscreve essa característica em “pôr à prova suas hipóteses de trabalho” como uma dificuldade inerente à área de humanidades, pouco habituada a trabalhar em grupo, e acredita que essa prática promova um combate direto à “lógica da exclusão” e da “competição” (MARTON, S. *A irrecusável busca de sentido*. São Paulo/ Rio Grande do Sul: Ateliê / Unijuí, 2004, p. 187). Sem discordar da minha orientadora, ousou acrescentar que esse exercício solidário funciona também como um importante antídoto contra o sempre revivido apego filosófico à figura do solitário fascinado consigo mesmo — o epicurista que repousa no *Jardim*, alheio à *polis* —, em troca de uma retomada do diálogo enquanto componente essencial e primeiro para a realização do pensamento, tal como fora ensinado desde Platão até Gadamer. Isso pode, obviamente, soar como uma provocação aos nietzschiianos habituados a interrogar o valor da comunicação e da linguagem ao lado do enaltecimento do silêncio, egoísmo e aristocratismo. A esses, gostaria de lembrar que na sua fastidiosa busca pelo leitor ideal, Nietzsche sempre enfatizou que não pretendia ser objeto de seguidores ou discípulos, para quem ler significa se submeter ao pensamento alheio, mas por aquele que saiba pensar enquanto lê, ou seja, que saiba pensar junto. E isso por uma razão muito simples: pois o pensamento, ao contrário das crenças, é dinâmico, reivindicando, assim, o constante comparecimento da alteridade para a plena efetivação do seu ser. Com isso, não pretendo sugerir que o GEN me ensinou a pensar, mesmo porque, o pensamento, ou a filosofia — para desespero dos heideggerianos — nunca se ausentou, fazendo parte de um domínio público e não especializado ou iniciado. Porém, foi nos diálogos com esse grupo que adquiri a calma — o método — que inibe a tendência do pensamento à mistura, dispersão e o conseqüente enfraquecimento; ali encontrei o solo fecundo para acentuar e amadurecer a amizade para com o saber, e por esse motivo, sou profundamente grato.

EDUARDO NASSER

